

Religião e espaço público: história e pensamento de Edith Stein e sua relevância para a sociedade

Clélia Peretti¹
Jefferson Zeferino²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i30.37403>

Resumo: O presente artigo tem como base o pensamento de Edith Stein, em especial seu texto *El ser social de la persona* presente em sua obra *La estructura de la persona humana* (*Der aufbau der menschlichen Person*) [1932] e a carta que enviou ao Papa Pio XI [1933]. Ambos escritos estão situados no contexto da ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha. O primeiro texto foi escolhido em virtude de sua compreensão do ser humano em sociedade (povo), o segundo, por sua vez, reflete a ação social de Stein. No primeiro se percebe que a pessoa enquanto um ser social existe em consonância com uma cultura que o antecede e plasma suas relações. A religiosidade, por sua vez, faz parte dessa cultura e está presente no espaço público. Na carta a Pio XI, é clara a compreensão de Stein de que o Pontífice possuiria poder político para intervir na realidade social que ela busca denunciar. Cabe ressaltar que Edith Stein, enquanto judia-católica que viveu o período das duas guerras, demonstra uma profunda sensibilidade política em seu contexto.

Palavras-chave: Edith Stein. História do Século XX. Religião. Espaço público. Ética.

Religion and public space:

Edith Stein's history and thought and its relevance to society

Abstract: This work has in its basis Edith Stein thought, specially the one present in the eighth chapter of the book *La estructura de la persona humana* (*Der aufbau der menschlichen Person*) [1932] called *El ser social de la persona* (the social being of the person) and the letter she wrote to Pope Pius XI [1933]. Both writings are settled in the

¹ Doutora em Teologia pela EST. Pós-Doutora pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontificia Università Lateranense – Roma. Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR. Membro do NUPPER (Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião). Membro do International Academy of Practical Theology. Contato: cpkperetti@gmail.com.

² Mestre e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR. Membro do grupo de pesquisa Teopatodiceia: Espiritualidade, Cultura, Práxis da PUCPR. Membro do Núcleo Ecumênico e de Diálogo Inter-religioso do Instituto Ciência e Fé da PUCPR. Membro do Movimento Ecumênico de Curitiba, MOVEC. Bolsista CAPES. Contato: jefferson.zeferino@hotmail.com.

context of the ascension of National Socialism in Germany. The first text was chosen due to its comprehension of the human being in the society (people), the second one, reflects the Stein's social action. The first demonstrates that the human person as social being exists according to a culture that precedes human relations. Religiosity as part of the culture is present in the public space. Is it clear in her letter to Pope Pius XI the understanding that the Pope could use his political power to intervene in the social reality which she tries to denounce. Thus, Edith Stein, as a Jewish-Catholic woman who lived the period of the Great Wars demonstrates a profound ethical-political sensibility to her context.

Keywords: Edith Stein. 20th Century History. Religion. Public Space. Ethics.

Religión y espacio público:

historia y pensamiento de Edith Stein y su relevancia para la sociedad

Resumem: El presente artículo tiene como base el pensamiento de Edith Stein, en especial su texto *El ser social de la persona* presente en su obra *La estructura de la persona humana* y la carta que envió al Papa Pío XI [1933]. Ambos escritos se sitúan en el contexto del ascenso del nacionalsocialismo en Alemania. El primer texto fue escogido en virtud de su comprensión del ser humano en sociedad (pueblo), el segundo, a su vez, refleja la acción social de Stein. En el primero se percibe que la persona mientras un ser social existe en consonancia con una cultura que lo antecede y plasma sus relaciones. La religiosidad, a su vez, forma parte de esa cultura y está presente en el espacio público. En la carta a Pío XI, es clara la comprensión de Stein de que el Pontífice poseía poder político para intervenir en la realidad social que ella busca denunciar. Cabe resaltar que Edith Stein, en cuanto judía-católica que vivió el período de las dos guerras, demuestra una profunda sensibilidad política en su contexto.

Palabras-clave: Edith Stein. Historia del siglo XX. Religión. Espacio público. Ética.

Recebido em 30/05/2017 - Aprovado em 17/12/2017

Considerações iniciais

O tema proposto neste artigo segue um recorte filosófico-histórico. Filosófico, pois tem como base a contribuição teórica de Edith Stein, filósofa católica alemã de origem judaica e discípula de Edmund Husserl. Histórico, enquanto contempla o contexto da vida de Stein com particular ênfase ao início da década de 1930.

Como base de nossa análise está o texto *El ser social de la persona* (1932) que está ligado à incidência público-social de Stein refletida na Carta escrita em abril de 1933 ao Papa Pio XI, onde a filósofa atenta aos perigos do ideário nacional-socialista e do antissemitismo. Essa carta representa um documento de grande valor para compreender o *silêncio* da Igreja Católica Romana em relação à perseguição dos judeus na Alemanha Nazista.

Diante dos acontecimentos sócio-políticos dos anos 1930, Edith Stein assume uma explícita postura de resistência, percebe no contexto da época aspectos de truculência e violação de direitos humanos que culminariam com um processo de guerra, levando-a aos campos de concentração mais tarde.

Objetiva-se, deste modo, ressaltar a sensibilidade ética de Edith Stein e sua atitude de resistência, com a denúncia feita ao Papa Pio XI diante das injustiças e dos perigos do antissemitismo na Alemanha Nazista. Ela compreende que o destino do seu povo seria também o seu destino. Ela compreende que como filha do povo Judeu e filha da Igreja Católica, seria seu dever testemunhar e denunciar as violências perpetradas contra os judeus naquele período.

Nota-se, por meio de sua atuação social, que há, em seu pensamento, uma grande preocupação ética na resolução dos problemas que ela indica na Carta como racismo, totalitarismo e antissemitismo. Ela aponta, mediante sua concepção cristã de pessoa humana e de uma antropologia cristocêntrica, a complexidade do ser humano tanto no sentido subjetivo quanto no intersubjetivo. Edith Stein afirma com sua prática social uma acurada leitura de conjuntura. Compreende-se que, o humano de hoje pode aprender com o humano de ontem, é possível olhar para a história com uma dimensão ético-pedagógica, as crises políticas, econômicas e de sentido de vida de hoje podem ser iluminadas pela forma de superação das crises do passado. E, ainda, as crises contemporâneas, o levantamento de muros, xenofobia, o afluxo ultraconservador, a crise de refugiados, a crise econômica e política, entre outros aspectos de crise podem ser pensados à luz das experiências humanas que antecedem o atual contexto. Nesta ótica Edith Stein, demonstra que existe uma profunda relação entre todas as dimensões da experiência humana, inclusive a religiosa. Em sua vivência, a filósofa representa uma religiosidade comprometida com a história e com a denúncia das injustiças.

Edith Stein: percurso intelectual e sua posição diante dos problemas sociais da época

A vida de Edith Stein se desenvolve entre os anos 1891-1942. Ela nasce em Breslau na Silésia, Alemanha (hoje Wroclaw, Polônia), no dia 12 de outubro de 1891, dia do *Yom Kippur*, festa da expiação para os judeus, última dos onze filhos de uma próspera família israelita (STEIN, 1992, p. 36). Seus pais, Augusta Courant e Siegfried Stein, eram de nacionalidade alemã e de religião judaica, originários de Lublinitz da Alta Silésia. Órfã de pai ainda antes dos três anos, vive um período marcado pelos fermentos da República de Weimar (1919-1933) e pelo advento do nazismo, com Adolf Hitler (1933), líder do Partido Nacional Socialista.

Em sua autobiografia intitulada *História de uma família judia. Traços autobiográficos: infância e os anos juvenis*³, Edith Stein faz um autorretrato de sua personalidade. Escreve suas memórias motivada pelo desejo de representar os dramas e as alegrias da vida de uma família judia em toda a sua profundidade e beleza. Gelber, na apresentação da obra, escreve: “Quis [Edith] revelar também para nós a forma como olhava para suas relações familiares mais íntimas” (GELBER, 1992, p. 7). Por meio de sua história, podemos conhecer os fundamentos de uma vida familiar que permite o desenvolvimento de uma personalidade completa e harmônica, a determinação interior diante das horas mais difíceis da existência; a evolução e a estruturação de seu pensamento, sua atividade acadêmica e social, sua passagem do judaísmo para o cristianismo e sua escolha para a vida religiosa como carmelitana. Durante os anos de sua infância e de sua juventude, “a figura da mãe tem um papel central na história da família: começa e se concentra no papel da mãe como símbolo de uma inteira sociedade, de uma inteira cultura e de uma religião: a religião dos pais, ou seja, do judaísmo do Antigo Testamento” (DI PINTO, 2003, p. 39).

Uma vez terminados os estudos ginasiais, ingressou na Universidade Silesiana Friedrich-Wilhelm, de Breslau (1911)⁴, escolheu a Faculdade de Germanística e, em particular seguiu os cursos de filosofia e de psicologia experimental (STEIN, 1992, p. 185-186). Mas logo se decepciona por serem estudos meramente práticos, baseados nas teorias positivistas e mecanicistas. Ainda em Breslau entra em contato com as pesquisas que Edmund Husserl (1859-1938) estava desenvolvendo em Göttingen, mediada por Georg Moskiewicz. Por intermédio dos seus colegas, Edith Stein parte para Göttingen no dia 17 de abril de 1913 e se inscreve na Faculdade de Filosofia seguindo as aulas de Edmund Husserl, um dos principais pensadores do período.

Nesta cidade participa também do Círculo de Göttingen, mais tarde denominado de Sociedade Filosófica. Ao lado de Edmund Husserl, estavam Hedwig Conrad-Martius, Grete Ortmann, Érika Gothe, Rose Guttman, Betty Heymann, Dietrich von Hildebrand, Max Scheler, Adolf Reinach, Hans Theodor Conrad, Mortiz

³ Trata-se de um manuscrito redigido, em sua maior parte, no ano de 1933, algumas semanas após a tomada do poder político da Alemanha pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, guiado por Hitler. E. Stein havia sido demitida do cargo de assistente universitária de Münster (*Westfälische Wilhelms-Universität, WWU*) (STEIN, Edith. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. Roma: Città Nuova Editrice, 1992, p. 374).

⁴ A Universidade silesiana Friedrich-Wilhelm de Breslau foi fundada em 1811, na época da dominação francesa, por Federico Guglielmo III; não se tratava de uma fundação completamente nova, mas da união entre a universidade protestante de Francoforte na região do Oder, criada na época da Reforma, e o colégio Jesuíta de Breslau do “Leopoldiner”, fundado pelo imperador Leopoldo no final do XVII século (STEIN, 1992, p. 185-186).

Geiger, Alexandre Koyré, Roman Ingarden e Johannes Hering. O encontro com os filósofos Edmund Husserl, Max Scheler, Adolf Reinach, Hedwig Conrad-Martius lhe fez conhecer o mundo cristão. Edmund Husserl, judeu de origem, havia se convertido ao protestantismo luterano, Max Scheler se converteu ao cristianismo, Adolf Reinach e Hedwig Conrad-Martius converteram-se à confissão evangélica. Nesse ambiente de estímulos, Edith Stein consegue acolher gradativamente a fé cristã e, nota-se, que tal conversão se dá, primeiramente por contatos humanos, pelo testemunho e depois através de leituras e do estudo entrando no cristianismo somente em 1922 (STEIN, 1992, p. 237-238).

Durante o período dos seus estudos em Göttingen, Edith Stein interrompe seus estudos por motivo da guerra e do serviço de enfermeira que presta como voluntária da Cruz Vermelha no hospital militar de Mährisch Weisskirchen, na Áustria. Sob orientação de Edmund Husserl defende sua tese no dia 03 de agosto de 1916, com o tema *Zum Problem der Einfühlung*, (o problema da empatia). Além disso, Stein torna-se assistente de Husserl em Friburgo até 1918 (STEIN, 1992a). Seu trabalho oferece aspectos originais com relação ao pensamento de Edmund Husserl e o assunto aprofundado põe o acento sobre a ontologia do espírito que será base e ponto de partida de toda a obra filosófica steiniana (CROCE, 2005). Com isso, se percebe que a experiência humana e a profunda sensibilidade ao mundo do outro fazem parte do desenvolvimento pessoal e acadêmico da filósofa alemã.

Em seu itinerário especulativo se dedica também para refletir sobre a questão feminina e o compromisso da mulher na sociedade. Esse interesse remonta à experiência vivida nos anos do ginásio e da universidade (1910-15), “é convicta patriota prussiana” e uma fervorosa feminista, ativa defensora dos grevistas. E, após a primeira guerra mundial, é adepta convicta da República de Weimar. Edith Stein, entre os anos 1922-1933, defende energicamente, em suas conferências, a inserção e a ativa participação da mulher na vida do Estado. Como universitária em Breslau, participa de vários movimentos e associações, empenhando-se socialmente e, vive, não obstante o indiferentismo religioso, uma grande experiência inter-religiosa. Munida de forte sentimento de responsabilidade social perante sua comunidade prussiana, membro do movimento feminista, defende decididamente o direito de voto da mulher, lutando pela sua igualdade política (STEIN, 1992, p. 173-174). Torna-se membro do grupo pedagógico⁵ que tinha como objetivo suprir a carência didática dos cursos de pedagogia,

⁵ Edith Stein faz um pequeno relato do grupo pedagógico: “Fundador e alma do nosso grupo pedagógico foi Hugo Hermesen, um alemão setentrional, originário de uma pequena cidade de Braunschweig”. Tinha 27 anos. [...]. Depois de Hermesen o membro mais fluente do grupo era Hermann Popp. Tinha mais de trinta anos e já havia ensinado por vários anos na escola elementar

oferecendo, mediante debates e estudos, uma preparação para o trabalho dos futuros professores. Participou neste período da associação de estudantes e da “Associação acadêmica afiliada pela sociedade Humboldt para a instrução popular”. Como universitária em Breslau, participa de vários movimentos e associações, empenhando-se socialmente e, vive, não obstante o indiferentismo religioso, uma grande experiência inter-religiosa (STEIN, 1992, p. 176; 178; 179;181-182).

Edith Stein cultiva aspirações profundas, tais como: ser pesquisadora, e, sobretudo, ser professora universitária. Dirige-se, então, ao Ministério de Culto e Instrução Pública prussiano, e no inverno de 1919, solicita que as mulheres pudessem ter acesso ao ensinamento nas universidades. No mesmo ano, apresenta uma carta para ser contratada na universidade, mas não é aceita. Deste modo, continua na sua cidade a ministrar cursos particulares de introdução à filosofia e leciona algumas aulas de ética na Escola Superior Popular da cidade. Ao mesmo tempo continua sua pesquisa sobre o tema da intersubjetividade; examina a relação entre “Indivíduo e comunidade”, artigo que publica no “Anuário de filosofia e de pesquisa fenomenológica” (vol. V, 1922) dirigido por Husserl. No mesmo ano publica, também, a pesquisa sobre a constituição do ser humano com o título “*Causalidade psíquica*”, e escreve “*Uma pesquisa sobre o Estado*” (publicada no vol. VIII, 1925, na revista acima mencionada).

Entre os anos de 1918-1921, Edith Stein se dedica ao estudo da espiritualidade cristã, mergulha nas páginas do Livro dos *Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola* e nas obras de Santa Teresa D’Ávila, considerada uma doutora da Igreja pelo catolicismo romano, obras que contribuíram para uma confirmação da própria experiência pessoal de fé. Em 1922, Edith Stein recebe o batismo na Igreja Católica e de 1923 a 1931, atua como professora no *Instituto magistral de Santa Madalena de Spira* e como conferencista na Alemanha, Polônia e Áustria, tornando-se conhecida nos ambientes intelectuais e no meio dos grupos de jovens e círculos feministas católicos. Participa das Associações em Friburgo, Munique, Colônia, Zurique, Viena e Praga. Realiza conferências sobre o papel, a vocação e a profissão da mulher. Como professora e conferencista, empenha-se por uma moderna educação feminina e, como assistente universitária de Münster (1932-1933), busca sintetizar teoricamente sua relação profunda com Deus e com seu empenho na sociedade.

antes de realizar o exame de maturidade e ingressar na universidade. Em seguida, o grupo pedagógico foi guiado por Alfred Mann. Hóspede do grupo pedagógico e do seminário de Stern foi Georg Moskiewicz (chamado de Mos pelos seus amigos), já doutor em medicina e filosofia [...]. Foi por meio de Rosa Guttmann que pude conhecê-lo mais profundamente [...] (STEIN, 1992a, pp. 176; 178; 179;181-182).

No dia 14 de outubro de 1933, com 42 anos, entra no Carmelo de Colônia. Contudo, antes da sua entrada ao Carmelo e diante das perseguições de Adolf Hitler aos judeus (1933), escreve ao Papa Pio XI para adverti-lo dos perigos da política antissemita do novo regime e para pedir a condenação da instrumentalização da tradição cristã pelos apoiadores do Nacional Socialismo (SPIRITU SANCTO, 1959, p. 170-171). A entrada no Carmelo, não significou um distanciamento do seu povo e da sua missão, mas sim, um aprender a renunciar a si mesma como fez Jesus, para participar da sua obra de redenção. Edith Stein via a discriminação, da qual era vítima junto com seu povo judeu, como participação da Cruz de Cristo. Efetivamente, esta identificação dos que sofrem com o crucificado não é novidade, é expressa, por exemplo, já no painel central do altar de Isenheim. Mathias Grünewald ao retratar a *crucifixão* identifica o crucificado relacionado ao cuidado com os doentes (HIGUET, 2009, p. 81-83). No contexto latino-americano toda a assim chamada Teologia da Libertação pensa esta sensibilidade, exemplifica isto a obra de Jon Sobrino *El principio-misericórdia – bajar de la cruz a los pueblos crucificados* (1992), cujo título já indica a relação ética com os que sofrem.

De volta a Stein, Para Ales Bello, “não é possível compreender [sua história de vida] sem considerar este pano de fundo, [...] os eventos do seu tempo não foram passivamente vividos por ela, mas incitaram tomadas de posição de um ponto de vista moral e social” (Ales Bello, 2003, p. 14). Com isso, também aqui o pensamento de Stein e sua história são recebidos no horizonte de seu comprometimento prático e ético com o que vivenciou.

O ser social da pessoa humana em Edith Stein

A análise da história da vida de Edith Stein, bem como o contexto do início da década de 1930, situam o espaço em que surgem as contribuições teóricas da filósofa alemã que esta pesquisa busca receber. O texto de 1932 sobre a estrutura da pessoa humana possui um capítulo para pensar o humano como um ser social. Efetivamente, não é possível pensar o ser humano de forma isolada, é necessário pensá-lo em suas relações. Neste sentido, pontua Stein, “o indivíduo humanoilhado é uma abstração. Sua existência é existência em um mundo, sua vida é vida em comum”. Stein destaca a experiência relacional do ser humano, do que se compreende que é necessário entender o homem a partir de sua inserção no mundo social (STEIN, 2007, p. 163). Esta inserção se dá por meio de atos, relações, estruturas e tipos sociais. Atos sociais são aqueles voltados para outras pessoas com o intuito de movê-las a agir de certa forma, são, portanto, *supraindividuais*. As relações sociais são algo que existe entre pessoas e que é determinante para cada indivíduo inserido na relação. O tipo social se percebe nas particularidades de cada indivíduo dentro do todo que está inserido. O tipo é algo que remete a um conceito genérico, e tem a ver com os diferentes modos de ser. E as estruturas sociais são aquelas

que abarcam as pessoas, seus atos e relações. A comunidade surge quando, em sentido amplo, há uma ideia de *nós* e há uma comunhão da vida gerando marcas nas pessoas que dela participam, fundando-se em relações *suprapessoais*, e se desenvolve tal qual um indivíduo. Contudo, está baseada num todo maior, a humanidade. Assim, o homem é desde sempre um ser social inserido numa comunidade, mesmo que não esteja consciente disso. Porém, a partir da tradição cristã, Stein compreende uma humanidade que existe em relação com Deus, por meio da ideia cristã de um homem-Deus (STEIN, 2007, p. 164-168). Nota-se em Stein a mesma sensibilidade que demonstraram Barth (2006) e Rahner (1969), ao perceberem que, dentro da tradição cristã, existe uma concepção antropológica que é, ao mesmo tempo, teológica. Isto é, na ideia cristã da humanidade de Deus se compreende uma experiência humanizante da divindade. Zeferino e Boff (2015), ao analisarem os textos *a humanidade de Deus* de Karl Barth e *a importância eterna da humanidade de Cristo para o nosso relacionamento com Deus* de Karl Rahner, identificados acima, apontam para uma espiritualidade ética nutrida por essa noção cristã de um transcendente humanado compreendido como gratuidade inter-relacional.

Adiante, Stein compreende que as ações da pessoa podem provir de estímulos externos, mas também são construídas a partir de suas convicções interiores. Contudo, na formação da pessoa é necessário considerar algo para além do contexto social em que se está inserido e do qual o humano assume inúmeras características. Se, na fé, assume-se Deus enquanto o criador e, em virtude disso se percebe um ser humano mais do que apenas material, reconhece-se o ser humano enquanto portador de um todo “corporal-anímico”, sendo a alma o que lhe há de mais próprio (STEIN, 2007, p. 172-176). Esta corporeidade espiritualizada, aponta para uma experiência que busca aquilo que há de mais profundo na existência humana.

Quanto ao conceito de povo, Stein (2007, p. 176-181) aponta que este é formado por indivíduos, tem uma história e um local geográfico, e suas ações são determinadas pelos seus membros, dos quais há aqueles que possuem a mentalidade ou consciência do todo e se dedicam a ele. Também o povo tem relações internas e externas, a segunda se dá com outros povos e a primeira no âmbito interior de formação, organização e linguagem, ou seja, em sua cultura. Assim, um povo possui laços de sangue (mas não somente), se baseia em uma comunidade espiritual, e tem em seu horizonte a possibilidade de organizar-se em Estado.

Para Stein, nascer em um povo, mais do que receber dimensões deste e assumi-las na medida em que se desenvolve, é também agir dentro do povo. O modo de ser de um povo está afinado a sua cultura e ao seu sentido, que mesmo que o povo desapareça pode permanecer, com isso se encontra uma realidade para além do tempo. Neste

contexto, novamente Stein recorre a concepção cristã de um homem-Deus, que teria se encarnado dentro da história de um povo determinado (STEIN, 2007, p. 181-186).

Contudo, a relevância da vida está para além da ação para o povo, ela está dada por ser vida humana e relacional e, portanto, amorosa, uma vez que o amor embasa a existência da comunidade, assim a vida é movida por um valor e com isso está participando do eterno. Pois, “amar uma pessoa implica dar uma resposta ao seu valor pessoal e participar deste valor”. Assim, o valor de uma comunidade se mede pela densidade de seus valores. Pertencer a um povo possui uma dimensão ética, uma vez que todo aquele que está consciente de pertencer a um povo possui responsabilidades com ele. Enfim, a formação do ser humano tem muito a ver com seu povo, mas, na concepção de Stein, tem a ver com sua compreensão de si na sua relação com Deus (STEIN, 2007, p. 187-192).

A carta de Edith Stein ao Papa Pio XI

Em virtude de sua importância e brevidade, apresentamos abaixo a carta de Edith Stein ao Papa Pio XI, em tradução livre, na íntegra:

Santo Pai! Como filha do povo judeu que, pela graça de Deus, durante os últimos onze anos também pôde ter sido uma filha da Igreja Católica, eu me atrevo a falar com o Pai da Cristandade sobre aquilo que oprime milhões de alemães. Por semanas temos visto ações perpetradas na Alemanha que desdenham de qualquer senso de justiça e humanidade, sem mencionar o aspecto do amor ao próximo. Por anos, os líderes do Nacional Socialismo têm pregado o ódio aos judeus. Agora que eles conquistaram o poder e armaram seus seguidores, entre eles criminosos, esta semente de ódio germinou. O governo tem apenas recentemente admitido que excessos ocorreram. Em que medida, não podemos dizer em virtude de que a opinião pública está sendo censurada. Entretanto, a partir do que aprendi sobre relações pessoais, não tratamos de casos isolados. Por pressão de reações estrangeiras, o governo começou a utilizar métodos ‘mais amenos’. Houve, inclusive, o mote: ‘nenhum judeu deve ter sequer um fio de cabelo danificado’. Contudo, por meio de boicotes – despojando pessoas de seu sustento, terra natal e reconhecimento civil – muitos

têm sido levados ao desespero; na última semana, por meio de informações privadas, soube de cinco casos de suicídio em virtude dessas hostilidades. Estou convencida de que esta é uma condição geral que fará ainda muitas mais vítimas. É lamentável que muitas dessas pessoas infelizes não possuam uma maior força interior para suportar seus infortúnios. Mas a responsabilidade deve ser atribuída, depois de tudo, àqueles que os trouxeram a este ponto e também deve ser atribuída àqueles que permanecem em silêncio diante de tais acontecimentos. Tudo o que aconteceu e continua acontecendo diariamente originou-se com um governo que se auto intitulava ‘cristão’. Por semanas, não somente judeus, mas também milhares de fiéis católicos na Alemanha e, creio eu, ao redor do mundo, esperaram que a Igreja de Cristo intervisse com sua voz para parar com este abuso do nome de Cristo. Esta idolatria da raça e do poder governamental que está sendo enfiada na consciência pública pelo rádio não é uma aberta heresia? O esforço em destruir o sangue judeu não é um abuso da santa humanidade de nosso Salvador, da mais abençoada virgem e dos apóstolos? Tudo isto não é diametralmente oposto à conduta de nosso Senhor e Salvador que, mesmo na cruz, orou por seus acusadores? Isto não é uma marca obscura no registro deste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e reconciliação? Todos nós, que somos filhos fiéis da Igreja e que enxergamos as condições na Alemanha com olhos abertos, tememos o pior para o prestígio da Igreja se o silêncio continuar por mais tempo. Estamos convencidos de que este silêncio não será capaz, a longo prazo, de conseguir paz com o atual governo alemão. Por enquanto, a luta contra o catolicismo será conduzida silenciosamente e menos brutal do que contra os judeus, mas não menos sistemática. Não demorará até que algum católico possa exercer algum cargo na Alemanha a não ser que se dedique incondicionalmente à nova linha de conduta. Aos pés de vossa Santidade, pedindo sua bênção apostólica, (Assinado). Dra. Edith Stein, Instrutora no Instituto Alemão para

Pedagogia Científica, Münster, Vestfália, Collegium Marianum (STEIN, 1933).

A análise de Stein, logo no início do governo do Nacional Socialismo, em 1933, já deflagra alguns dos elementos que culminariam com um dos mais terríveis momentos da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial. No tópico seguinte deste texto alguns aspectos da carta acima apresentada são retomados bem como do texto sobre o ser social da pessoa humana.

Elementos steinianos para se pensar a ética teológica no espaço público

Do texto sobre o ser social da pessoa humana, opta-se por atentar àqueles aspectos que dialogam com o conceito de *humanidade de Deus* e de *povo* que também estão no centro da carta de Stein ao Papa Pio XI.

Stein propõe uma antropologia teológica. Isto é, sua concepção de ser humano não está desligada de uma dimensão mística da existência. É nesta direção que a autora compreende também o conceito de povo, pois percebe um Deus que tem importância para a humanidade toda enquanto um *Criador* que encarna-se dentro de um determinado povo para agir em favor da humanidade toda. Esta dinâmica de serviço do Deus judaico-cristão é embasada, de acordo com Stein, no amor. Isto é, a existência de Deus, em amor, moveria a existência também em amor da comunidade humana. É em amor que o humano participaria do eterno. Existe, portanto, um critério para a ética. Este amor, porém, não pode ser compreendido como o amor romântico, mas está mais próximo de um amor relacional-doacional, cujo termo grego *ágape* serve de referência. Efetivamente, aponta-se para uma integração do amor com o serviço ao outro, seja no âmbito intersubjetivo pessoal, seja na dimensão maior de um povo.

Na sua carta ao Papa Pio XI, Stein permite-se agir politicamente. “Eu me atrevo a falar com o Pai da Cristandade sobre aquilo que oprime milhões de alemães”. Isto é, sua experiência de Deus não a aliena da realidade concreta em que vive, muito pelo contrário, aprofunda sua percepção da realidade uma vez que esta está permeada pelo seu desejo de Deus que culmina em um desejo pelo que há de mais profundo no humano, haja visto sua experiência no Carmelo, seguindo a teologia e a espiritualidade de Santa Teresa D’Ávila. As suas experiências místicas, efetivamente, cooperam na formação de um quadro que conjuga ética e espiritualidade.

A sensibilidade ético-política de Stein a faz perceber que as ações do governo alemão de seu tempo “desdenham de qualquer senso de justiça e humanidade, sem mencionar o aspecto do amor ao próximo”. A filósofa denuncia que “por anos, os líderes do Nacional Socialismo têm pregado o ódio aos judeus. Agora que eles conquistaram o

poder e armaram seus seguidores, entre eles criminosos, esta semente de ódio germinou” (STEIN, 1933). A percepção de Stein diante das estruturas de violência presentes nos discursos e nas práticas Nacional Socialistas, demonstra-se basilar para a ética também hoje. Isto é, cabe um olhar crítico a toda forma de violência que consegue aderência na esfera pública, e que, a indiferença ou passividade das autoridades eclesiais pode, por fim, endossar políticas totalmente contrárias a ética da qual Jesus de Nazaré seria a referência.

Stein também percebe a violação do espírito humano, no qual “muitos têm sido levados ao desespero”, sendo “lamentável que muitas dessas pessoas infelizes não possuam uma maior força interior para suportar seus infortúnios”. É possível apontar esta força interior como espiritualidade. Uma vez que a própria Stein, anos mais tarde, teve a força interior de “suportar seus infortúnios” até seu martírio (STEIN, 1933). O processo de apequenamento do outro, ceifando sua vitalidade por meio de estratégias escusas, é uma violação da alma (*psique*), adoecendo-a. Cabe, na atualidade, portanto, uma leitura crítica da realidade que busque compreender estas violências estruturais como o racismo, machismo, patriarcalismo, colonialismo, lucrismo⁶, preconceitos ligados as questões de gênero, entre outros. Isto é, uma ética pertinente para a atualidade que aprenda com os erros do passado e do presente, precisa perceber as dinâmicas de apequenamento da vida, denunciando-as e as contrapondo epistemologicamente. Emerge, neste contexto, como possibilidade, uma hermenêutica decolonial que denuncia as estruturas coloniais da modernidade, como aponta Mignolo (2005). Com efeito, Stein é aqui percebida como uma possível interlocutora a este pensamento que analisa a realidade *desde baixo* ou ainda *desde o reverso* da história.

Em sua carta, Stein atenta que “tudo o que aconteceu e continua acontecendo diariamente originou-se com um governo que se auto intitulava ‘cristão’”. Em virtude disso, pontua ela que “por semanas, não somente judeus, mas também milhares de fiéis católicos na Alemanha e, creio eu, ao redor do mundo, esperaram que a Igreja de Cristo intervisse com sua voz para parar com este abuso do nome de Cristo” (STEIN, 1933). Há, na perspectiva de Stein, uma marcante incidência pública da religião. Isto é, uma vez possuindo poder de intervenção e não se utilizando dela, a Igreja Católica Romana estaria sendo complacente com os abusos do Nacional Socialismo. Neste sentido, também cabe pontuar o grande apoio que o governo alemão recebeu também dos protestantes, os *Deutschechristen* (cristãos alemães) que não só apoiavam Hitler, mas viam nele uma espécie de messias, o *Führer*. No entanto, assim como a voz de Stein pelo lado católico, no lado protestante houve a importante atuação da *Bekennende Kirche* (Igreja Confessante), por

⁶ Compreende-se que o termo *lucrismo* (RIBEIRO, 1995) denota um dos principais pontos falhos do capitalismo, o foco exacerbado no lucro, sendo que o sistema de capital pode ser mais benéfico na medida em que encontre bases mais incluídas para sua estruturação.

meio de teólogos como Karl Barth, Dietrich Bonhoeffer e Martin Niemöller (CORNU, 1971).

Além dos abusos percebidos por Stein, ela evidencia sua fundamentação epistemológica.

Esta idolatria da raça e do poder governamental que está sendo enfiada na consciência pública pelo rádio não é uma aberta heresia? O esforço em destruir o sangue judeu não é um abuso da santa humanidade de nosso Salvador, da mais abençoada virgem e dos apóstolos? Tudo isto não é diametralmente oposto à conduta de nosso Senhor e Salvador que, mesmo na cruz, orou por seus acusadores? Isto não é uma marca obscura no registro deste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e reconciliação? (STEIN, 1933).

A acurada percepção de seu contexto, fez com que Stein compreendesse, e traduzisse em linguagem teológica, a tessitura de violência perpetrada pelo Nacional Socialismo. Ela chama a atenção para o conceito veterotestamentário de idolatria, na medida em que a raça se torna um ídolo, ocupando o lugar de Deus no ideário Nacional Socialista. Também, ao pedir pela intervenção de Roma no conflito, relembra as origens judaicas de Jesus, sua mãe e seus discípulos. Por fim, ao compreender que a política do governo alemão, outrora compreendido como cristão, de forma prática se portava como o oposto da fé cristã, que deveria estar marcada pela promoção da justiça, da paz e da reconciliação. Neste sentido, ao mencionar o *Ano Santo da Reconciliação*, ela denuncia a inconsistência teórica e incoerência ética de uma Igreja que, ao evocar valores cristãos, não é capaz de concretizá-los em sua *práxis*, ao que ela destaca “estamos convencidos de que este silêncio não será capaz, a longo prazo, de conseguir paz com o atual governo alemão” (STEIN, 1933).

Considerações finais

A filósofa e religiosa carmelita Edith Stein demonstra que tanto a pessoa humana quanto o povo possuem relações sociais, as quais em última análise sempre ocorrem entre indivíduos, contudo são indivíduos plasmados por uma determinada cultura. Além disso, é marcante a iniciativa de fundar tanto a pessoa humana quanto o povo em algo para além das pessoas, do tempo, e da história, a saber, no mistério da existência, que a tradição cristã chama de Deus. Ao ver na constituição do ser humano

um ser corporal-anímico ao mesmo tempo Stein percebe que também o povo possui uma esfera espiritual e que a história do mesmo é feita por aqueles que atingiram uma determinada maturidade de consciência coletiva, a qual pode ser compreendida como sensibilidade no horizonte do bem comum.

De sua carta ao Papa Pio XI, é notável sua contextualidade. Isto é, o pensamento filosófico-teológico de Stein demonstra uma profunda sensibilidade histórica ao perceber os abusos do Nacional Socialismo a partir de suas bases. Com isso, a autora conjugua filosofia e cotidiano, o particular incide no pensamento teórico.

A abordagem de Stein, ao tratar do ser humano e suas relações, faz com que se pense na perspectiva não somente da ética do indivíduo mas da ética do povo ou da comunidade como um todo. Ao que cabe reconhecer os excessos de povos contra outros povos na história, bem como a denúncia destas injustiças hoje. Além disso, a noção de comunidade enquanto um *corpo*, comum à tradição cristã, também pode servir de elemento propositivo à uma ética hodierna.

Interpreta-se que Stein, ao colocar Deus em sua compreensão de mundo, busca um sentido que ultrapasse as realidades penúltimas da vida, propondo que o ponto de partida para a compreensão que o humano tem de si mesmo seja aberta ao infinito. Desta forma, ao reconhecer o infinito no outro, a autora leva a pensar acerca de uma sensibilização ética mais profunda. Este reconhecimento do infinito do outro embasado no infinito do outro fundante (mistério da existência) e em relação com o infinito do eu, traça por si só um caminho comunitário em que o eu e o outro encontram-se diante do reconhecimento de algo mais profundo na vida.

Em suma, o pensamento e a atuação histórica de Edith Stein contribuem às elaborações teóricas de hoje. Sua noção de povo enquanto comunidade de vida interrelacional, bem como a proposta de uma existência humana mais humanizada, aprofundada em si (mística), compõem um quadro para se pensar uma ética descentrada e descentralizadora que percebe o outro enquanto humano em sua dignidade própria, não reificando-o. Desta forma, as crises humanitárias da atualidade (migrações forçadas, guerras, fundamentalismos, fascismos, etc.) podem ser pensados e contrapostos à luz de experiências humanas como as de Stein.

Referências

- ALES BELLO, A. *Edith Stein*. La passione per la verità. Messaggero di Sant'Antonio. Editrice: Padova, 2003.
- BARTH, K. A humanidade de Deus. In: _____. *Dádiva e Louvor*: ensaios teológicos de Karl Barth. ALTMANN, W. (Org.). São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006, p. 389-405.
- CORNU, D. *Karl Barth*: teólogo da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.

- CROCE, G. Vita e Scritti di Edith Stein. In: STEIN, E. *Sui sentieiri della verità*. 3. ed. Milano: Edizioni San Paolo, 2005.
- DI PINTO, L. *Il respiro della filosofia in Edith Stein*. Edizioni Giuseppe Laterza di Giuseppe Laterza: Bari, 2003.
- HIGUET, E. A crucifixação de Matthias Grünewald à luz de uma teologia protestante da imagem. *Correlatio*, v. 8, n. 16, p. 74-94, dez., 2009.
- MIGNOLO, W. *El pensamiento des-colonial, desprendimento y apertura*: un manifiesto. Tristestópicos, 2005.
- RAHNER, K. A importância eterna da humanidade de Cristo para o nosso relacionamento com Deus. In: _____. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 43-59.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOBRINO, J. *El principio-misericordia*: bajar de la cruz a los pueblos crucificados. Santander: Editorial Sal Terrae, 1992.
- SPIRITU SANCTO, T. *Edith Stein*. Morcelliana: Brescia, 1959. Título original: Edith Stein. Verlag *Glock und Lutz* Nürnberg.
- STEIN, E. *L'empatia di Edith Stein*. NICOLLETTI, M. (Org.). Milano, Italia: Franco Angeli, 1992a. Título original: *Zum Problem der Einfühlung*. Halle: Buchdruckerei des Waisenhauses, 1917.
- STEIN, E. El ser social de la persona. In: _____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 163-192.
- STEIN, E. *Letter of Saint Edith Stein to Pope Pius XI in 1933*. [1933]. Disponível em: <http://www.baltimorecarmel.org/saints/Stein/letter%20to%20pope.htm>. Acesso em: 05.03.2017.
- STEIN, E. *Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili*. Roma: Città Nuova Editrice, 1992. Título original: *Aus dem Leben einer jüdischen Familie. Das Leben Edith Steins: Kindheit und Jugend*. Edith Steins Werke, vol. VII. GELBER, L.; LEUVEN, P. (Orgs.). Verlag Herder, Freiburg im Breisgau, 1985.
- ZEFERINO, J.; BOFF, C. A humanidade de Deus como fundamento para uma espiritualidade ética. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 55. n. 1., p. 89-100, jan./jun., 2015.